

SÍNCOPE EM PROPAROXÍTONAS NO PORTUGUÊS ALAGOANO

André Luiz Oliveira Mota

Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

Resumo: A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, esta pesquisa propõe identificar e analisar o fenômeno linguístico da síncope em proparoxítonas no português falado no estado de Alagoas, além de averiguar se o processo em pauta trata-se de fenômeno de mudança linguística em progresso ou de variação estável. Esse fenômeno consiste na redução de vocábulos proparoxítonos a paroxítonos devido à perda da vogal medial (xícara ~ xicra, árvore ~ arvre). A pesquisa faz parte do projeto “Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL”, cujo principal objetivo é a constituição de um banco de dados de falares alagoanos de forma a permitir o desenvolvimento de pesquisas linguísticas, especialmente na área de variação e mudança linguística. Utilizou-se o método da sociolinguística variacionista (cf. Labov, 1972), por meio da análise de dados de fala espontânea de 24 participantes da cidade de Maceió/AL e 24 participantes da cidade de Arapiraca/AL, das quais foram retiradas 410 ocorrências de proparoxítonas, as quais compuseram o *corpus*. As ocorrências foram analisadas acusticamente com o auxílio do software Praat. Foram consideradas como variáveis independentes linguísticas a primeira consoante após a sílaba tônica, a primeira vogal após a sílaba tônica e a segunda consoante após a sílaba tônica. Como variáveis sociais, foram considerados o sexo/gênero, a faixa etária, a escolaridade e a cidade. Para a análise estatística, utilizou-se o modelo de regressão logística com o auxílio do software R. Concluiu-se que o processo é favorecido quando a vogal apagada é alta posterior e quando a segunda consoante após a sílaba tônica é nasal ou fricativa. A faixa etária também apresentou significância estatística, sendo o processo diretamente proporcional à idade (quanto mais velho, mais síncope). As variáveis sexo/gênero, escolaridade, cidade e a primeira consoante após a sílaba tônica não apresentaram significância estatística para o processo.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Variação no português alagoano. Síncope em Proparoxítonas.

1. INTRODUÇÃO

Diante dos diversos fenômenos de variação a que estão sujeitas as línguas, a síncope em proparoxítona na língua portuguesa merece um estudo mais acurado por parte dos sociolinguistas devido à complexidade do fenômeno. A síncope é o processo de apagamento de segmentos, vocálicos e/ou consonantais, no interior das palavras proparoxítonas. Esse fenômeno ocorre em toda a história do português e encontra-se na sua língua mãe, o latim vulgar, como constata Araújo (2012) (*calidus~caldus, frigica~frigca, viridis~virdes*) e na língua portuguesa atual, como em *época~epca, cômodo ~comdo, físico~fisko e âmagô~amgo* (todos exemplos coletados em Alagoas).

O objetivo deste trabalho é o de apresentar um estudo sobre a síncope em proparoxítonas no português alagoano, buscando identificar e analisar fatores linguísticos e sociais que interferem no processo. Como objetivos específicos do trabalho, destacam-se: (1) apresentar

uma revisão de literatura englobando os estudos sobre o processo realizados sobre o português brasileiro; (2) investigar o efeito das variáveis sociais *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade* no processo de variação em estudo; (3) investigar o encaixamento linguístico do processo no português alagoano; (4) averiguar se o processo trata-se de um caso de mudança linguística em progresso ou de variação estável no português alagoano.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A sociolinguística é um dos ramos da linguística e possui como iniciador teórico-metodológico o americano William Labov. Seu foco principal é a investigação da relação entre língua e sociedade, tendo como ponto de partida o uso da língua em situações reais de interação face a face, no momento em que os sujeitos falam sem a preocupação de *como* falar, o que se denomina de vernáculo. A língua falada, do ponto de vista de um observador comum, caracteriza-se como um “caos” diante da complexidade das trocas de comunicação verbal; porém, é diante dessa complexidade que o pesquisador sociolinguista deve “[...] processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada”, segundo Tarallo (2004). Esse aparente “caos” da língua oral ocorre porque há o encontro de diversas variantes linguísticas, ou seja, “[...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2004), e essas variantes concorrem e se confrontam umas com as outras a fim de coexistirem ou de uma predominar sobre a outra. Através de um levantamento exaustivo de dados, o sociolinguista pode descrever a variável, analisar os fatores que influenciam na sua realização e analisar o encaixamento dessa variável no sistema linguístico e social da comunidade.

A variação linguística pode ser influenciada por fatores internos e externos à língua. Entre os internos, Mollica e Braga (2004) caracterizam os de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais; e entre os agentes externos as autoras elencam a etnia, o sexo, a escolarização, o nível de renda, a profissão, a classe social, o grau de formalidade e a tensão. Esses fatores podem influenciar a língua e projetar um contínuo que se prevê tendências e probabilidades do uso linguístico em diversas comunidades de fala.

Como já explicitado, a língua possui várias variantes e essas variantes concorrem entre si favorecidas por influências internas e externas, diante disso, pode-se falar, então, de variante padrão VS. variante não padrão, conservadoras VS. inovadoras, estigmatizadas VS. de prestígio. Como exemplifica Mollica e Braga (2004):

As línguas, em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e de tradição literária (MOLLICA e BRAGA, 2004, p. 13)

Muitos trabalhos acerca da síncope em proparoxítonas foram realizados nos últimos anos em todas as regiões do país: ARAÚJO, ALMEIDA e SANTOS (2014); ARAÚJO e ALMEIDA (2014); ARAÚJO E LOPES (2014); SANTANA e BEZERRA (2011); BUENO e CARVALHO (2011) e CHAVES (2015). Entretanto, nenhuma pesquisa foi encontrada no estado de Alagoas a respeito do processo em pauta e, por outro lado, nas pesquisas acima mencionadas, nenhuma utilizou-se do software PRAAT, o qual permite a identificação de correlatos articulatórios em sinais acústicos.

Araújo, Almeida e Santos (2014) investigaram no Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) a síncope das proparoxítonas através de cinco cartas linguísticas, (cálice, carta 47; clavícula, carta 57; óculos, carta 65; pérola, carta 66; e útero, carta 61). O *corpus* do Atlas é constituído por 100 informantes de 50 cidades baianas, sendo que 75 desses informantes eram completamente analfabetos e a maioria possuía idades entre 39 e 49 anos. O objetivo da pesquisa era de analisar os fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, classificação lexical, extensão da palavra e item lexical) e sociais (gênero, escolaridade e área geográfica) que contribuem com o processo de síncope, utilizando-se do GoldVarb X. Os resultados apontaram o contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte e classificação lexical como favorecedores do fenômeno.

A partir de *corpus* composto por itens lexicais proparoxítonos do Atlas Linguístico da Paraíba (ALP), Araújo e Almeida (2014) buscaram analisar os fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, extensão da palavra e classificação lexical) e sociais (sexo, escolaridade e localidade) que favorecem o fenômeno da síncope. Os resultados foram baseados no programa computacional GoldVarb X, que destacaram-se como fatores relevantes as seguintes variáveis: o contexto fonético subsequente, o contexto fonético precedente e a classificação lexical.

Araújo e Lopes (2014) estudaram o fenômeno da síncope através dos dados do Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA) com o objetivo de analisar as variáveis linguísticas (item lexical e extensão da palavra) e extralinguísticas (localidade, faixa etária, sexo e frequência de uso da palavra) que mais influenciam a regra da síncope no estado. O *corpus* foi constituído por 40 informantes de cidades paraenses, 20 homens e 20 mulheres, com faixa

etária variando entre 19 a 70 anos, todos com nível de estudos ao máximo no 5º ano do ensino fundamental. A análise, submetida à ferramenta estatística GoldVarb X, revelou os fatores frequência de uso do item, item lexical e localidade como os mais relevantes influenciadores da síncope.

Santana e Bezerra (2011) fizeram uma análise das variações das proparoxítonas no estado do Maranhão utilizando-se de dados do Atlas Linguístico do Maranhão (Projeto ALiMA). A pesquisa buscou analisar os fatores estruturais e extralinguísticos no falar de 40 informantes do estado. Os resultados foram gerados pelo programa computacional Varbrul e as influências linguísticas que mais exercem poder sobre o fenômeno da síncope foram o traço de articulação da vogal, o contexto fonológico precedente e o contexto fonológico seguinte, e o fator extralinguístico de maior influência foi à variável escolaridade.

Bueno e Carvalho (2011) estudaram o fenômeno da síncope em proparoxítonas no município de Dourados – MS baseados em um *corpus* composto de 12 informantes, metade masculino e metade femininos, e com idade dividida nos seguintes grupos: 17 a 25, 26 a 51 e 51 em diante. Os resultados apontaram que, com relação aos fatores linguísticos, as vogais tônicas e os substantivos favorecem o processo. Já em relação aos fatores sociais, quanto mais velho for o falante, assim como se for do sexo feminino, o uso das formas mais conservadoras é aplicado. Entretanto, a pesquisa aponta um dado inesperado, os falantes mais alfabetizados realizaram maior uso da síncope, o que os autores buscaram justificar como sendo informantes que já estão a bastante tempo no mercado de trabalho e por isso utilizam falares mais informais.

No sul do Brasil, Chaves (2015) analisou a incidência do processo de síncope em proparoxítonas com o *corpus* de 102 entrevistas concedidas ao banco de dados VARSUL com nível primário de escolaridade e oriundos dos três estados da região. Os fatores que mais influenciaram o processo de síncope foram o contexto precedente e o contexto seguinte, pois, segundo a autora, o fato que vai propiciar a síncope “é a possibilidade de a consoante que acompanha a vogal postônica não final ser integrada a sílaba posterior (ou anterior), após a queda vocálica, ocupando a posição de coda ou de ataque silábico...”. Os fatores extralinguísticos (faixa etária, sexo e região) não se mostraram favorecedores.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

O método de coleta utilizado nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Labov (1972) afirma que, em uma entrevista, não se deve esperar encontrar o vernáculo em uso, já

que, nessa situação a fala é sempre mais monitorada do que nas situações mais informais. Diante disso, Labov chega ao que chamou de paradoxo do observador, assim apresentado pelo autor: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 1972, p. 244). Diante disso, o teórico propõe que o paradoxo pode ser superado com certas estratégias que rompam os constrangimentos da situação de entrevista. Uma das propostas, a que foi usada nas entrevistas, são perguntas que envolvam assuntos que recriem emoções fortes nos informantes.

Nesta pesquisa, as entrevistas, colhidas nas cidades de Maceió e Arapiraca, litoral e agreste alagoano, abordaram assuntos como: interesses e gostos pessoais, relações familiares, relatos dos encontros afetivos, histórias da infância e/ou da infância dos filhos, histórias da cidade, perigo de vida, perda de familiares e histórias do tempo de escola, com duração de aproximadamente 10 minutos e gravadas, preferencialmente, na residência de cada um dos informantes. Amostra foi composta por 48 participantes (24 de Maceió e 24 de Arapiraca), distribuídos conforme a tabela a seguir:

QUADRO 1: Células sociais consideradas no estudo

Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Número de participantes
Feminino	Entre 18 e 35 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
	Entre 45 e 55 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
	Acima de 60 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
Masculino	Entre 18 e 35 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
	Entre 45 e 55 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
	Acima de 60 anos	< 9 anos	2
		> 11 anos	2
Total de participantes por cidade			24

Após a coleta de dados, as gravações foram transcritas e padronizadas de acordo com normas estabelecidas pelo projeto “Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL”. A identificação de proparoxítonas foi feita através de rotinas de busca realizadas no Microsoft Word. As ocorrências foram analisadas acusticamente com o auxílio do software Praat.

As variáveis linguísticas analisadas nesta pesquisa foram: a primeira vogal após a sílaba tônica, a primeira consoante após a sílaba tônica e a segunda consoante após a sílaba tônica. As variáveis sociais analisadas foram: cidade, sexo/gênero, faixa etária e nível de escolaridade. A análise estatística foi realizada com o software R, utilizando modelos de regressão logística.

A seguir apresentam-se os fatores das variáveis linguísticas, com dados retirados da pesquisa, e as variantes sociais:

QUADRO 2: Variáveis independentes linguísticas

VARIÁVEL	FATORES	EXEMPLOS
Primeira consoante após a sílaba tônica	fricativas	árvore
	laterais	células
	nasais	câmara
	oclusivas	bíblico
	tepe	éramos
	vogais	conhecíamos
Primeira vogal após a sílaba tônica	/a/	andávamos
	anteriores (/ɛ/, /e/, /i/)	análises
	posteriores (/ɔ/, /o/, /u/)	época
Segunda consoante após a sílaba tônica (C2)	fricativas	Índice
	laterais	cálculo
	nasais	brincávamos
	oclusivas	básico
	tepe	número

Quadro 3: Variáveis independentes sociais

VARIÁVEIS	FATORES
Sexo/Gênero	Feminino
	Masculino
Faixa etária	Jovens
	Adultos
	Idosos
Nível de escolaridade	Fundamental
	Superior
Cidade	Arapiraca
	Maceió

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, 410 vocábulos proparoxítonos foram analisados neste estudo. Além da queda da vogal postônica medial, outras variantes foram identificadas, como o apagamento a vogal e da consoante da sílaba final (*árvores* ~ *arves* ~ *arv*) apagando, além da vogal medial, a consoante da sílaba final ou a sílaba final completa. Neste trabalho, investigaremos somente a queda da

vogal medial. Futuramente, outras pesquisas poderão ser desenvolvidas considerando todas as variantes encontradas em nossa análise. A variável dependente deste estudo será, então, a manutenção ou a queda da vogal postônica medial em proparoxítonas. Todas as ocorrências que apresentaram queda da vogal medial foram consideradas como queda da vogal medial, mesmo que tenha havido, além disso, a queda da consoante seguinte ou a queda da sílaba final completa.

Na tabela seguinte, apresenta-se a distribuição das variantes.

TABELA 1: Síncope em proparoxítonas

	n	%
Realização da vogal	134	32.7%
Síncope	276	67.3%
Total	410	

Como podemos observar, a vogal medial foi apagado em 67,3% dos casos. Esse percentual é bastante superior ao encontrado em outros estudos. Atribuímos esse resultado à análise acústica de todas as ocorrências, o que permitiu identificar apagamento da vogal, mesmo em casos que pareciam não ocorrer apagamento. Não foram identificados outros estudos que tivessem feito análise acústica.

Após a análise estatística, identificamos como variáveis independentes estatisticamente significativas: a faixa etária, a vogal medial e a consoante seguinte à vogal medial. Não foram consideradas como estatisticamente significativas as variáveis: sexo/gênero, nível de escolaridade e a consoante anterior à vogal medial

A variável sexo/gênero apresentou os seguintes percentuais: mulheres (66.0%) e homens (68.5%). A variável não apresentou significância estatística. Bueno e Carvalho (2014) apontam que, em Dourado/MS, há um favorecimento da síncope entre os homens em relação às mulheres. Tal fato não pôde ser constatado em Maceió e em Arapiraca.

TABELA 2: Síncope em proparoxítonas em relação à faixa etária

Faixa etária	Síncope	Total	Percentual %	Peso Relativo
jovens	62	139	44.6%	0.24
adultos	106	135	78.5%	0.59
idosos	108	136	79.4%	0.68
total	276	410	67.3%	

A tabela 6 retrata os resultados da variável social ‘faixa etária’. Como podemos observar, há uma relação diretamente proporcional entre ‘faixa etária’ e síncope: quanto maior a faixa etária, maior a probabilidade de realização da síncope da vogal medial em proparoxítonas. Essa variável também foi estatisticamente significativa em Bueno e Carvalho (2011), os quais apontaram o maior uso de proparoxítonas sincopadas na segunda faixa etária (entre 26 a 50 anos).

Apesar dos indivíduos com nível fundamental apresentarem maior realização da síncope (74.2%) do que os indivíduos com nível superior (64.5%), a variável escolaridade não apresentou significância estatística. Essa variável foi considerada nos trabalhos de Araújo, Almeida e Santos (2014) e Araújo e Almeida (2014), mas também não foi considerada relevante, apesar desses autores ressaltarem, em outros trabalhos, essa variável como significativa. No estudo de Santana e Bezerra (2011), os informantes com nível superior completo não apresentaram síncope e os falantes com nível fundamental apresentam em números reduzidos, o que levou os autores a considerar essa variável significativa. No trabalho de Bueno e Carvalho (2011), os falantes alfabetizados realizaram mais a síncope do que os falantes com pouco grau de instrução. Para os autores, “[...] a justificativa pode estar relacionada ao fato de que grande parte dos entrevistados já estarem inseridos no mercado de trabalho, o que os leva não mais se preocupar tanto com a forma de se expressar, utilizando-se de um estilos mais informal ao se comunicar.”

A variável ‘consoante anterior à vogal medial’ não apresentou significância estatística. Araújo, Almeida e Santos (2014) concluíram que as laterais e as oclusivas favoreciam a síncope. Araújo e Almeida (2014) concluem que as consoantes favorecedoras são as fricativas e as oclusivas. Para Santana e Bezerra (2011), o contexto precedente favorecedor foi de oclusivas e fricativas. Chaves (2015), conclui que as oclusivas anteriores favorecem o processo de síncope. Os três últimos trabalhos citados argumentam que as oclusivas favoreciam a síncope por facilitar o processo de ressilabação, isto é, formar uma nova sílaba com a consoante seguinte à vogal apagada. Nesta pesquisa, não foi identificado favorecimento das oclusivas anteriores no processo.

Vejamos os resultados para a variável ‘vogal medial’

TABELA 3: Síncope em proparoxítonas em relação à vogal medial

Vogal medial	Síncope	Total	%	Peso Relativo
a	30	56	53.6%	0.17
anteriores ([ɛ] [e] [i])	163	255	63.9%	0.52
posteriores ([ɔ] [o] [u])	83	99	83.8%	0.82

Total	276	410	67.3%
--------------	-----	-----	-------

Conforme a tabela 3, as vogais que mais apresentaram apagamento são as posteriores, seguida das anteriores e, por último, a vogal central. A liderança das vogais posteriores reafirma os resultados de Chaves (2015), que as aponta em segundo lugar, após a vogal central, como favorecedora da síncope. Santana e Bezerra (2011) também concluíram que as posteriores favorecem o apagamento, por “[...] possuem articulação mais alta que as demais”. No processo da síncope com a perda da vogal postônica não final, uma nova sílaba é formada pelo contato da consoante anterior a sílaba que perdeu a vogal com a consoante da sílaba seguinte, como na palavra *óculos* ~ *oclus*, na qual é possível a combinação /cl/ na língua portuguesa. Entretanto, em alguns vocábulos desta pesquisa, a síncope ocorre mesmo sem o *onset* propício ao processo de ressilabação. Um exemplo do *corpus* é a palavra *época*, na qual a vogal apagada faz ocorrer o contato entre duas consoantes oclusivas [p] e [k] que não favorecem a ressilabação. O mesmo ocorre com as palavras *cômodo* e *âmago*, as quais apresentam o encontro de consoantes inibidoras da síncope. Essas observações merecem ser estudadas mais profundamente em pesquisas futuras.

TABELA 4: Síncope em proparoxítonas em relação à consoante após vogal medial

Consoante após vogal medial	Síncope	Total	Percentual %	Peso Relativo
nasais	71	95	74.7%	0.82
fricativas	3	4	75.0%	0.71
oclusivas	186	280	66.4%	0.56
laterais	11	16	68.8%	0.27
tepe	5	15	33.3%	0.15
Total	276	410	67.3%	

Observando a tabela 4, constata-se que as consoantes fricativas e nasais são as mais favorecedoras da síncope. Há, porém, muitas divergências com outros trabalhos que apontam as laterais e o tepe como as mais favorecedoras, explicadas pela ressilabação (as consoantes /l/ e /t/, ao entrarem contato com as consoantes oclusivas e fricativas precedentes à vogal apagada propiciam a formação de novas sílabas). Por hora, pode-se atribuir a diferença observada à análise acústica realizada com o software PRAAT. Nosso critério de avaliação para a constatação da síncope ocorreu por análise acústica, as palavras sincopadas foram detectadas pela falta de correlatos acústicos na fala do entrevistado nas pesquisas. É preciso

investigar mais profundamente e explicar o ordenamento observado em nossa pesquisa (nasais > fricativas > oclusivas > laterais > tepe).

5. CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados nesta pesquisa, a síncope demonstrou-se bastante elevada no *corpus* selecionado (67.3% de realizações). Das três variáveis independentes linguísticas consideradas no estudo, duas apresentaram significância estatística no processo em pauta: a vogal medial e a consoante seguinte à vogal medial. Em relação à vogal , vogais posteriores favoreceram o processo, o que está de acordo com pesquisas de Chaves (2015) e Santana e Bezerra (2011). O fato de a síncope ser favorecida quando a consoante seguinte é fricativa ou nasal abre novos questionamentos e possibilidades para a realização do fenômeno, pois o falante produz o vocábulo sincopado em contextos inibidores, contrariando os resultados de Chaves (2015), que conclui que “[...] o Contexto seguinte e o Contexto precedente são variáveis de extrema importância para a compreensão da queda da vogal postônica não final.” Chaves (2015) apontou as consoantes lateral (pétala ~ petla) e vibrante (chácara ~ chacra) como as possíveis combinações para a formação de novas sílabas, porém, nesta pesquisa, foram encontradas exemplos que divergem dessa premissa, como em brincávamos ~ [brĩ'kavmʊs], época ~ ['ɛpkə], indígena ~ [ĩ' dɪznə] e índice ~ ['ĩtsɪ]. Estudos futuros podem ajudar a entender melhor a relação entre a síncope e os contextos adjacentes.

Das variáveis sociais analisadas neste estudo, somente a variável *faixa etária* (jovens, adultos e idosos) mostrou-se como estatisticamente significativa. O processo de mudança de variantes não pôde ser atestado, visto que os idosos são os que mais produzem a variante mais inovadora (síncope). As variáveis *gênero* e *escolaridade* não apresentaram significância estatística, apesar de serem significativas em outros trabalhos sobre o tema.

Esperamos que este estudo tenha trazido subsídios para pesquisas futuras, que possam identificar e compreender melhor o processo aqui apontado e analisado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.A.; ALMEIDA, B.K.M. *A síncope das proparoxítonas no atlas lingüístico da Paraíba: um olhar variacionista*. Web-Revista SOCIODIALETO: Mestrado Letras UEMS/Campo Grande, v. 4, nº 12, mai. 2014. Disponível em:<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014021816.pdf>> Acesso em: 12 fev.2016

ALMEIDA, B.K.M.; ARAÚJO, A.A.; SANTOS, L.A.P.F. *A síncope das proparoxítonas no atlas prévio dos falares baianos: um olhar variacionista*. Revista (Con)Textos Linguísticos, v.8, n. 11, p. 5-20, 2014. Disponível em:<<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8126>> Acesso em: 11 fev.2016.

ARAÚJO.A.A.; LOPES, G.H.V. *A síncope das proparoxítonas no atlas lingüístico do Pará: uma fotografia variacionista*. Revista (Con)Textos Linguísticos, v.8, n. 10, p. 24-39. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6407/5772>> Acesso em: 14 fev. 2016.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BUENO E. S. S; CARVALHO, M. P. *Aspectos sociolinguísticos da síncope nas proparoxítonas no português falado em Dourados-MS*. Websociodialeto (Online), v. 3, p. 65-86, 2011. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091636.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016

CHAVES, R. G. *As restrições silábicas e a síncope em proparoxítonas no sul do Brasil*. ABRALIN (online), v. 14, p. 131-154, 2015. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/42488/25784>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística – o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SANTANA, A.P.; BEZERRA, J,R,M. *Variação de proparoxítonas: traços da identidade popular no falar maranhense*. III Seminário Linguagem e Identidades: múltiplos olhares. Disponível em: <<http://www.linguagemidentidades.ufma.br/publicacoes/pdf/4variacao%20de%20proparoxitonas.pdf>> Acesse em: 15 fev.2016.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática, 2004.